



ISSN: 2595-1661

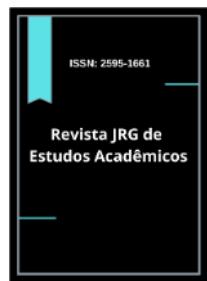
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

# Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



## A subjetivação na América Ladina: diálogos possíveis em Frantz Fanon e Lélia González na construção da psicanálise no Brasil

Subjectivation in Ladino America: possible dialogues on Frantz Fanon and Lélia González in the construction of psychoanalysis in Brazil

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.2935

ARK: 57118/JRG.v9i20.2935

Recebido: 07/01/2026 | Aceito: 11/02/2026 | Publicado on-line: 12/02/2026

**Lucas Wagner Brígido Feitosa<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0009-0005-7330-4632>  
 <http://lattes.cnpq.br/3944702690009498>  
Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil  
E-mail: lucaswagnerbrigidofeitosa@gmail.com

**Iara de Sousa Martins<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0009-0009-6983-332X>  
 <http://lattes.cnpq.br/3709672352713843>  
Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil  
E-mail: psicoiararamartins@gmail.com



### Resumo

A discussão proposta por este artigo surgiu de uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (PPGP/UFC), que abordou a produção da subjetividade. O objetivo do presente trabalho é buscar um diálogo na psicanálise utilizando as contribuições dos autores negros Frantz Fanon e Lélia Gonzalez. A intenção é analisar a influência de Fanon na leitura feita por autoras brasileiras sobre o processo de subjetivação do negro, com um foco particular na racialização. A seguir, faz-se uma transição para a discussão da obra de Lélia González e sua relação com a psicanálise, retomando algumas contribuições fulcrais de MD Magno. A metodologia da pesquisa não se distancia da prática clínica dos pesquisadores e opera uma teorização que não se antecipa à escuta. Dessa forma, as hipóteses apresentadas são resultantes de escuta clínica e não apenas de engajamento em leituras.

**Palavras-chave:** Psicanálise brasileira; Subjetivação do negro; Frantz Fanon; Lélia Gonzalez; MD Magno.

### Abstract

*The discussion proposed by this article arose from a course in the Postgraduate Programme in Psychology at the Federal University of Ceará (PPGP/UFC), which addressed the production of subjectivity. The objective of this paper is to seek a dialogue in psychoanalysis using the contributions of black authors Frantz Fanon and Lélia Gonzalez. The intention is to analyse Fanon's influence on Brazilian authors' reading of the process of black*

<sup>1</sup> Graduado em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em psicologia pela UFC, doutorando em psicologia pela UFC. Professor do Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe. Membro da formação permanente do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, seção Fortaleza.

<sup>2</sup> Graduada em psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau. Mestranda em Psicologia pela UFC.



*subjectivation, with a particular focus on racialisation. Next, we transition to a discussion of the work of Lélia González and its relationship with psychoanalysis, revisiting some pivotal contributions by MD Magno. The research methodology does not stray far from the clinical practice of the researchers and operates a theorisation that does not anticipate listening. Thus, the hypotheses presented are the result of clinical listening and not just engagement in readings.*

**Keywords:** Brazilian psychoanalysis; Subjectivation of black people; Frantz Fanon; Lélia Gonzalez; MD Magno.

## 1. Introdução e metodologia psicanalítica

Para dar início à discussão, retomamos a chegada da psicanálise em solo brasileiro marcada por duas vertentes diferentes, uma relacionada à clínica, conduzida por médicos e psiquiatras racialistas que propagavam teorias eugenistas, e a outra cultural, associada aos intelectuais e artistas do movimento modernista, os quais buscam uma valorização da cultura brasileira (SINISCALCHI; DIAS; HELSINGER, 2024).

Ao longo da consolidação da clínica psicanalítica no Brasil, o modelo europeu foi adotado como referência, visto que a demanda predominante da prática clínica provinha de pessoas da classe média branca. Esse fator contribuiu para a formação de uma hegemonia branca na representação da clínica psicanalítica. Diante desse contexto, deve-se questionar na prática da psicanálise no Brasil a possibilidade de reconhecer os sujeitos para além das normas ocidentais e se as categorias “psi” são capazes de atender às demandas da população negra (FARIAS; DAVID, 2024).

O método do artigo segue a orientação proposta desde Freud (1940 [1923]), de que a psicanálise não deve desconsiderar a vinculação entre investigação, tratamento e ciência, a qual notamos estar atrelada à discussão de Assoun (1996) sobre a teorização ser uma reescrita do relato, isto é, daquilo que se escuta.

Além disso, também observamos explicitamente com Pura Cancina (2008) uma preocupação para que a teorização não caminhe sem referência à prática, à clínica. Portanto, o presente texto está encadeado às experiências pessoais dos pesquisadores em seus exercícios de escuta sem antecipar hipoteticamente o que se acha clinicamente. Dessa forma, podemos dizer que se trata de uma pesquisa em psicanálise.

## 2. A subjetivação à brasileira

Aníbal Quijano (2005) argumenta que a subjetividade, ou intersubjetividade, nas relações que se dão entre os diferentes povos na modernidade são atravessadas pelos processos históricos e estruturais forjados pela colonização. Como resultado, os povos colonizados tiveram suas próprias identidades singulares expropriadas e foram forçados a adotar uma identidade racial projetada pelo colonizador como não-civilizada.

Para abordar a categoria da subjetivação partimos de Frantz Fanon, situado no lugar de psiquiatra e aliado da luta anticolonial na Martinica, onde hoje é um departamento ultramarino francês. Fanon trabalha com questões como a alienação, a liberdade, a psicogênese, as formulações do estágio do espelho e o conceito de imago através da teoria lacaniana. Para formular seu pensamento, teve como referência autores como Freud e Lacan além da forte influência da teoria de Hegel, Marx, Sartre, Césaire, entre outros (SALABERRY, 2022).

No Brasil, as intelectuais negras Neusa Santos Souza e Isildinha Nogueira Baptista aprofundam a sua discussão sobre racialização e subjetivação do sujeito, influenciadas pelo pensamento de Fanon. Em sua tese Isildinha Nogueira “Significações do Corpo



Negro" (NOGUEIRA, 1998), investiga como o racismo estrutural se inscreve no inconsciente, resultando na negação da identidade negra e no que denomina "sofrer o próprio corpo". Essa expressão refere-se ao processo em que as pessoas negras internalizam os padrões brancos como ideais de beleza e comportamento, resultando na negação da própria corporeidade.

Por sua vez, Neusa Santos Souza, em "Tornar-se Negro" (SOUZA, 1983), destaca como a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial causam impacto na formação do "Ideal de Ego". Tendo como inspiração Fanon, uma de suas afirmações é sobre a introjeção ideal de ego branco feita pelo negro de uma forma que o sujeito passa a se relacionar com seu corpo através da rejeição.

Tais pressupostos partem do conceito fanoniano de epidermização, relacionado com a internalização da inferiorização do corpo pelo colonizado. Esse processo produzido pela razão fixadora do branco, destitui o corpo negro enquanto uma possibilidade, pois a partir da perspectiva do colonizador o corpo negro é inferior e não-humano, reforçando uma dualidade da contraposição binária entre negros versus brancos, que fixa e essencializa suas identidades moldando a forma de ver a si e o mundo (FAUSTINO, 2015).

A construção desse antagonismo entre a cor dos sujeitos é denominada como maniqueísmo, refere-se a um mundo no qual a negritude de forma oposta a brancura é relacionada a uma "quintessência do mal" (FANON, 1968, p. 30). Bernardino-Costa (2016) usa a prece fanoniana "oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!" como fio condutor para as discussões sobre os efeitos do colonialismo na subjetividade. Uma de suas conexões é com o tema do paradoxo da invisibilidade, que se concentra no fato de poder ser visto somente a partir de sua exterioridade, tendo sua imagem fixada a partir da história da colonização na perspectiva do europeu. Firmando a generalização de que "todos os negros são iguais", dessa forma a invisibilidade o torna ausente quanto uma singularidade, ligando o sujeito às generalizações feitas sobre o seu grupo racial.

Norteado por esse paradoxo, a experiência corpórea do negro no espaço racializado também lida com a vigilância constante do racista. O corpo negro no momento em que aparece é capturado por uma atenção excessiva, de uma forma que é necessário estar em estado de alerta. É dessa forma que a hipervisibilidade opera; no entanto, esse corpo por não ser considerado como pertencente à categoria de humano, acaba por tornar-se uma presença/ausência no espaço (CRUZ, 2023).

Nesse sentido, introduzimos a noção apresentada por Lacan (1998 [1949]) sobre o Estádio do espelho como formador da função do Eu de 1949, que explica a identidade dos sujeitos construída a partir de um olhar externo. É uma narrativa que leva o sujeito à alienação estruturando a sua relação com o mundo, é também uma experiência marcada pelo período do desenvolvimento compreendido entre os 6 meses aos 3 primeiros anos da vida da criança. De início, há uma imagem totalizante na qual o sujeito está identificado, ainda não existe uma divisão entre o eu e o outro, a separação só ocorre quando o que Lacan denomina como *Je* (sujeito do inconsciente e sujeito do desejo, marcado pela falta e representado pelo simbólico, pois se estrutura por meio da linguagem, ou seja, por meio da cultura, a sociedade etc.) entra em conflito com *Moi* (a construção imaginária que o sujeito faz da imagem e se aliena). O estádio do espelho, dessa forma, é uma metáfora usada para marcar a diferença entre a imagem ideal e o sujeito do inconsciente.

Fanon (2008) faz uso dessa teoria lacaniana para mostrar como a imagem aliena o sujeito diante da dependência do olhar do Outro. "No paroxismo da dor, só há uma solução para o infeliz preto: provar sua brancura aos outros e sobretudo a si mesmo" (FANON, 2008, p. 179). Diante disso, o negro constituído enquanto reflexo do olhar do outro não



tem resistência ontológica, é um objeto para o outro; a imagem a qual idealiza para si não encontra correspondência no esquema corporal (NOGUEIRA, 2021).

Por mais que o negro adote máscaras brancas como estratégia, ele será sempre capturado pelo signo da negritude que lhe é imposto externamente, uma vez que os resquícios da sociedade colonial ainda perpetuam as mesmas lógicas. “O branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura.” (FANON, 2008, p. 27).

Embora Fanon e Lélia González partam de perspectivas distintas - Fanon defendendo a violência como forma de libertação e Lélia promovendo a transformação através da cultura -, ambos se complementam ao abordar a questão do racismo. Lélia González (1984), em seu trabalho “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, discute o mito da democracia racial no Brasil, apontando-o como um sintoma da neurose cultural brasileira, uma forma de racismo velado que se oculta sob o discurso da harmonia racial. Esse mito apresenta-se como uma demanda negra dentro e fora da cena analítica, aquilo que na cultura não se escuta por se ocultar em forma de recalque, ou melhor, daquilo não é falado.

Em continuidade com as elaborações de Lélia González resgatemos também algumas contribuições de MD Magno sobre o tema. No caso da sintomática cultural brasileira, MD Magno (2008 [1980], p. 162) supõe que ela talvez se decante em húmus africano. Em outras palavras: que história não contada seria essa? Em breve apresentação, Magno Machado Dias é também conhecido como MD Magno, ele foi um importante psicanalista brasileiro, introduziu o pensamento lacaniano no Brasil, teve uma vasta produção desde o século passado, foi, inclusive, analista de Lélia González. A noção de “América Ladina” perpassa principalmente seu seminário de 1980, “Acesso à linda de Fimena”. Nesse período, Jacques Lacan ainda era vivo, e já era notável que o trabalho que MD Magno fazia não era uma tentativa de imitar o estilo de Lacan. Com suas próprias palavras, com seu próprio estilo, bebendo da fonte de artistas, poetas e de mitologias do povo brasileiro - tendo em vista que somos brasileiros e não franceses -, ele já apontava para o desenvolvimento daquilo que veio a se chamar de Nova Psicanálise ou Psicanálise NovaMente.

Diferencia-se o povo brasileiro dos demais geralmente pontuando sua mistura - como se isso não ocorresse em outras culturas. No rastro da “metamorfose autopoietica permanente da vida de se reinventar a cada corpo, de se recriar e de se experimentar sempre em novas formas, modos e possibilidades” (MOEBUS *et al.*, 2024, p. 8), diferenças culturais se enriquecem em seus encontros e desencontros. Em sua fabricação própria - outra expressão para a palavra “*autopoiesis*”, a qual singra em porvir -, cada subjetividade, em metamorfoses, parece partir de um húmus. Em uma entrevista, Elke Maravilha (BREVE HISTÓRIA, 2013) analisa um dito de seu pai sobre o Brasil ser o país das infinitas possibilidades - motivo da escolha dele, vindo de guerra, de morar no país. Ela destaca que sacou tal fala quando notou: ele - russo -, um amigo judeu e o melhor amigo árabe indo juntos ao centro de macumba. Além dessa fala, ela também menciona que a sabedoria é de banda, ou seja: é importante aprender tudo o que puder na curta vida. Com tal pensamento, são notáveis sua disponibilidade e sua perplexidade diante da vida. Em face a isso, pontuemos: a psicanálise é um dos dispositivos contemporâneos que pode trazer um pensamento perplexo à tona (MAGNO, 2022b [2021]) - ela leva as formações à metamorfose, e, às vezes, à emergência de algo novo. Um exemplo de mistura e de metamorfose no Ceará foi o movimento cultural cearense da “Massafeira Livre”, onde se tinha de tudo com a singular mistura do povo atrelada a sua autopoiese - riqueza de textura. Essas misturas desses caldos culturais - brasileiros e cearenses - são plenas de novidades e de perplexidades. Nota-se, no entanto, que, como qualquer palco, há



desigualdades entre os atores dessas peças. Para usarmos um outro significante caro para a Terra da Luz, diremos que não-todos partilham do mesmo Pão. É justo por considerarmos a congruência entre a máquina viva e o meio (MOREIRA, 2004), as formações nessa maranha, nessa tecitura, e a *autopoesis* na determinação do vivo plena de metamorfoses no que diz respeito ao povo brasileiro, que devemos ter em vista também que a sexualidade humana é desproporcional, isto é, não podemos deixar de pontuar que as diferenças, em suas singularidades, não participaram da mesma forma dessa mistura, e que, além disso, talvez algumas foram recaladas, ou seja, deixadas para lá.

Nesse aspecto, precisamos pontuar um texto de grande relevância de MD Magno (2008 [1980]) que se conecta ao trabalho brilhante de Lélia Gonzalez (2020), sua analisanda (MAGNO, 2022a [2020], p. 106). Trata-se do seminário “Acesso à lida de Fimemina”, de 1980. Há, no mesmo, uma sessão que recebe o título de “América Ladina: introdução a uma abertura”. Jacques Lacan, nesse período, estava indo para Caracas e o contexto é de inquietação por conta da inicial falta de menção à língua portuguesa para apresentar os trabalhos nesse congresso considerado latino-americano. Fora exigido, primeiramente, que as produções fossem apresentadas apenas em espanhol e em francês. Magno (2008 [1980], p. 147) diz, de maneira humorada, que seria mais interessante fazer um congresso “américo-africano”. Outra figura importante nesse momento histórico é Betty Milan. Ela foi quem inventou, segundo MD Magno (2008 [1980]), a expressão “américa-africana” para ressaltar a diferença específica do povo brasileiro na América latina.

Diante de tal situação, podemos presumir que é na tentativa de agarrar a letra do sintoma da cultura que esse movimento dos três - Lélia, Betty e Magno - tem seu endereçamento. Letra “ladinameficana” (MAGNO, 2008 [1980], p. 165) específica da tessitura da música brasileira que parece não rever seu sintoma. A esse respeito, podemos mencionar a riqueza da “começão” do outro, ou melhor, da “heterofagia”, segundo Magno (1987), que percebemos na fala de Elke Maravilha (BREVE HISTÓRIA, 2013). O conhecimento de banda aprendendo tudo o que puder se assemelha ao que esse psicanalista chamava de “heterofagia”: noção para além de uma antropofagia, ela devora o que interessa no outro apontando para “uma permissividade de retorno do recalado” (MAGNO, 2006 [1985], p. 161), para um retorno daquilo que foi deixado para lá em nossa história. A constantemente destacada diversidade parece ter recalado que talvez o pai do povo brasileiro seja negro. Essa foi uma das hipóteses mais instigantes, mais provocantes, lançadas por MD Magno (2008 [1980], p. 162) na sessão sobre a “América Ladina”. Nesse mesmo seminário, ele também lembra que Macunaíma pode mudar de cor, metamorfosear-se, mas nasce preto. Ele explicita em um momento: “Há todos esses mitozinhos que correm na cabeça do brasileiro. Por exemplo, o de não querer assumir o preconceito de cor, de modo algum. Será que é vergonha? E se o pai é crioulo?”. Notemos como a fala é instigante, e vai convocando cada ouvinte de seu seminário. “Ora, ao mesmo tempo que se tem vergonha de dizer isto, não se pode assumir o preconceito porque seria destronar o pai? Em todos os nossos recantos culturais [...] os gostos não são fundamentalmente de crioulo?” - e finaliza esse pensamento com uma inquietação bem-humorada, condizente com seu estilo sempre sagaz: “Os requebros, as poupanças, os temperos, os tamanhos, os sovacos, as mandingas, as virilhas, etc., etc., que percorrem esse molejo nosso?” (MAGNO, 2008 [1980], p. 162-163).

### 3. Considerações Finais



Essa ancestralidade negra parece ser aquilo que é denegado na cultura atrelado ao recalque da hipotetizada paternidade negra do brasileiro. Há um racismo denegado que foi objeto de desenvolvimento de Lélia González (2020), o qual desemboca no mito da democracia racial. Esse mito corre de maneira paralela ao racismo. A denegação soergue a barreira do recalque, mas o afeto persiste - admissão dolorosa; ela é uma operação sofisticada para lidar com isso que geralmente é deixado para lá; é um não que é afirmação, algo como: “não, não somos um povo racista”. O que se deixa para lá nesse mito da democracia racial? A dimensão da paternidade parece ser esquecida, havendo mania, inclusive, por vezes, de achar que se é descendente de europeu.

Se a psicanálise tem por paradigma o sexual, é preciso notar que essa ciência não pode deixar de lado a questão racial. No que diz respeito à formação do povo brasileiro, é também bastante relevante pontuar que sua sintomática precisa ser escutada lembrando que não há “A” psicanálise com artigo definido. A própria psicanálise lacaniana, em sua fundação, precisou ir de encontro ao poderio da IPA. Uma dominação, todavia, parece sempre retornar quando se escuta psicanalistas mais lacanianos que Lacan, mais freudianos que Freud, mais pais que esses nomes tornados pais, ímãs de diversas transferências. Nesses momentos, a abertura da psicanálise fecha-se, e o que parece se apresentar é um dogma através de um pai imperialista. A incompletude do Outro - o tesouro dos significantes -, barrado, marcado pela falta, explicita o cuidado de Lacan em relação às diferenças, das quais a racial faz sim parte da sexual. Dessa forma, o pai negro parece ser uma pontuação da singularidade sexual do brasileiro em sua história denegada e recalcada em seu processo de produção autopoética de subjetividade. As diversas possibilidades do Brasil não podem ignorar o húmus africano.

## Referências

ASSOUN, P. L. **Metapsicología freudiana**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BERNARDINO-COSTA, J. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2016.3.22915.

BREVE HISTÓRIA. **Elke Maravilha - Breve História - Parte 1**. YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy8BgWGwGB0>. Acesso em: 7 fev. 2026.

CANCINA, P. H. **La investigación en psicoanálisis**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2008.

CRUZ, R. dos S. **A experiência corpórea do sujeito preto na obra Pele Negra, Máscaras Brancas, de Frantz Fanon**. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARIAS, M.; DAVID, E. C. Psicanálise e demanda negra: reflexões sobre a escuta crítica. In: BIRMAN, J.; CANAVÉZ, F. (Orgs.) **Psicanálise à brasileira**. Salvador, BA: Devires, 2024. p. 27-35.



FAUSTINO, D. M. **Por que Fanon, por que agora?** Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FREUD, S. „Psychoanalyse“ und „Libidotheorie“ (1923). In: FREUD, S. **Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, dreizehnter Band**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1940.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Originalmente publicado em 1949.

MAGNO, M. D. **“Neurobrás” \$0a**. 1987. Disponível em:  
[https://www.novamente.org.br/arquivos/md87-neurobras-rev-pdf\\_1409143350.pdf](https://www.novamente.org.br/arquivos/md87-neurobras-rev-pdf_1409143350.pdf). Acesso em: 6 fev. 2026.

MAGNO, M. D. **Grande ser tão veredas**: seminário 1985. Rio de Janeiro: Novamente, 2006.

MAGNO, M. D. **Acesso à lida de Fi-menina**: seminário 1980. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

MAGNO, M. D. **SóPapos 2020**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Univercidade de Deus - UD, 2022a.

MAGNO, M. D. **SóPapos 2021**. [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Associação Cultural Univercidade de Deus - UD, 2022b.

MOEBUS, R. L. N.; BARRETO, A. F.; MORAES, M. de M. Psicologia decolonial, contracolonial, por vir? **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 41, e230087, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202441e230087pt>. Acesso em: 6 fev. 2026.

MOREIRA, M. A. A epistemologia de Maturana. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 10, n. 3, p. 597-606, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132004000300020>. Acesso em: 6 fev. 2026.

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, A. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. p. 117-142. CLACSO, 2005. Disponível em:  
[https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 6 fev. 2026.



SALABERRY, I. L. **Frantz Fanon e a psicanálise na Améfrica**: notas sobre a clínica e a ideologia do branqueamento. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/249483/001150326.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 fev. 2026.

SINISCALCHI, B.; DIAS, L.; HELSINGER, N. **É de raça que estamos falando**: tornar-se herdeiro da psicanálise no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.